

GRUPO COM CRIANÇAS NO ÂMBITO DO SISTEMA ÚNICO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL (SUAS): INSPIRADO PELAS PRÁTICAS NARRATIVAS COLETIVAS

GROUP WITH CHILDREN IN THE SCOPE OF THE UNIFIED SYSTEM OF SOCIAL ASSISTANCE (SUAS): INSPIRED BY COLLECTIVE NARRATIVE PRACTICES

GRUPO CON NIÑOS EN EL CONTEXTO DEL SISTEMA ÚNICO DE ASISTENCIA SOCIAL (SUAS): INSPIRADO EN PRÁCTICAS NARRATIVAS COLECTIVAS

RESUMO: Este artigo tem como objetivo relatar uma experiência de grupo, com crianças, realizada no âmbito do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). As Práticas Narrativas Coletivas nortearam a intervenção e a metodologia utilizada foi a Árvore da Vida. Os participantes foram 10 crianças, com idades entre 7 e 11 anos; três estudantes do último ano de Psicologia, que estavam realizando o estágio em Prevenção e Promoção de Saúde com Crianças; e a supervisora do estágio. Foram realizadas quatro visitas iniciais, com intuito de conhecer o serviço e as crianças, para decidir o percurso que desenvolveriam juntos em 12 encontros. O envolvimento das crianças e as narrativas construídas durante os encontros apontam para a relevância dessa prática nos serviços socioassistenciais como uma metodologia que estimula a convivência, resgata os aspectos positivos da história de vida das crianças e, ao mesmo tempo, conecta as histórias individuais, possibilitando o desenvolvimento de um senso de força coletiva para o enfrentamento de vulnerabilidades.

Palavras-chave: Práticas narrativas coletivas, grupo com crianças, serviço socioassistencial, vulnerabilidades.

ABSTRACT: This article aims to presents a group experience with children carried out within the scope of the Unified System of Social Assistance (SUAS). The Collective Narrative Practices inspired the intervention and the methodology used was the Tree of Life. The participants were 10 children, aged between 7 and 11 years; three students of the last year of Psychology who were performing the internship in Prevention and Health Promotion with Children and the supervisor of the internship. Four initial visits were made in order to know the service and the children to decide the day and time of the group that had a course of 12 meetings. The involvement of children and the narratives constructed during the meetings point to the relevance of this practice in the social care services as a methodology that stimulates coexistence, rescues the positive aspects of the children's life history, while connecting individual stories enabling the development of a sense of collective strength to face vulnerabilities.

Keywords: Collective narrative practices, group with children, social assistance service, vulnerabilities.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo presentar una experiencia grupal con niños, realizadas en el ámbito del Sistema Unificado de Asistencia Social (SUAS). Las Prácticas Narrativas Colectivas inspiraron la intervención y la metodología utilizada fue el Árbol de la Vida. Los participantes eran 10 niños, 7 y 11 años; tres estudiantes del último año de Psicología que estaban realizando las prácticas en Prevención y Promoción de la Salud con Niños y el supervisor de las prácticas. Se realizaron cuatro visitas iniciales para conocer el servicio, los niños y decidir el día y la hora del grupo que tuvo un curso de 12 reuniones. La participación de los niños y las narrativas construidas durante los encuentros apuntan a la relevancia de esta práctica en los servicios de atención social como una metodología que estimula la convivencia, rescata los aspectos positivos de la historia de vida de los niños, al tiempo que conecta historias individuales que permiten el desarrollo de un sentido de fuerza colectiva para enfrentar las vulnerabilidades.

Palabras clave: Prácticas narrativas colectivas, grupo con niños, servicio de asistencia social, vulnerabilidades.

ANDRESSA SIMONE DE CARVALHO¹

LUANA PAULA CAVALCANTE RODRIGUES DE ARAÚJO¹

ANA CAROLINA DE OLIVEIRA QUEIROZ¹

LILIAN DE ALMEIDA GUIMARÃES¹

¹ Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), Ribeirão Preto/SP, Brasil

Recebido em 19/07/2021
Aceito em 13/02/2022

INTRODUÇÃO

Buscamos com este artigo relatar uma experiência de grupo, com crianças, inspirada nas Práticas Narrativas Coletivas, realizada no âmbito do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Esse trabalho foi realizado pelas autoras deste artigo, sendo que, na época, três delas eram estudantes do último ano de Psicologia, as quais estavam realizando o estágio em Prevenção e Promoção de Saúde com Crianças, e a última autora era a docente supervisora do estágio.

Para atingir o objetivo proposto, estudar a Política Nacional de Assistência Social (PNAS), que estrutura o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) e conhecer o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), onde o grupo com crianças seria realizado, foram as etapas iniciais do trabalho. Esse movimento inicial possibilitou o contato com os objetivos do SCFV, assim como com as crianças que frequentam o serviço, o que nos levou a escolher a metodologia da Árvore da Vida para nortear as conversas com as crianças.

A experiência dessa intervenção psicológica em grupo, à luz dos pressupostos das Práticas Narrativas Coletivas, contemplou as necessidades de um tripé complexo: formação – serviço – beneficiários. O engajamento das crianças nas atividades propostas pelas facilitadoras e as narrativas construídas durante os encontros apontam para a relevância dessa prática, nos serviços socioassistenciais, como uma metodologia que estimula a convivência, resgata os aspectos positivos da história de vida das crianças, ao mesmo tempo em que conecta as histórias individuais, possibilitando o desenvolvimento de um senso de força coletiva para o enfrentamento de vulnerabilidades. A seguir, compartilharemos nossa experiência, buscando detalhar o percurso teórico e metodológico da intervenção realizada, assim como dar visibilidade às crianças que participaram do grupo.

O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos

Garantir o atendimento às necessidades básicas das pessoas é dever do Estado. Entretanto, longe de ser um conjunto de ações benevolentes, a assistência social está constituída como política pública. A Política Nacional de Assistência Social (PNAS), de 2004, operacionalizada através da NOB SUAS (2005), foi, nesse sentido, marco regulatório de extrema importância no território brasileiro (CFP, 2016; Gomes, 2007; MDS, 2005).

Com a Política de Assistência Social, a seguridade da vivência familiar e do convívio comunitário recebeu atenção especial, já que enfatizou a necessidade de fortalecer, preservar e estimular esses vínculos familiares e comunitários através de encontros com usuários dos serviços, membros da comunidade, no sentido de fortalecer “a potência de agir, que pode impulsionar a ação para enfrentar situações conflituosas, alterar condições de subordinação, estabelecer diálogos, desejar e atuar por um mundo mais digno e mais justo” (MDS, 2017, p. 27). Para tal, dois níveis de proteção são garantidos no SUAS: proteção social básica e proteção social especial, respectivamente realizadas no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) (CFP, 2016; Gomes, 2007; MDS, 2017; Souza *et al.*, 2016).

Os Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) são uma ação complementar a do serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF), que é o principal serviço ofertado pelo CRAS. Nesse âmbito da Proteção Social Básica, a especificidade histórico-cultural torna-se importante, devido ao princípio da Territorialização. Nesse sentido, as unidades de atendimento de SCFV devem ser

vinculadas ao CRAS de sua área de abrangência e o acesso ao serviço deve ocorrer por encaminhamento do CRAS, por procura espontânea do usuário, busca ativa, encaminhamentos da rede socioassistencial, das demais políticas públicas ou dos órgãos de garantia de direitos (CFP, 2016; MDS, 2017).

No SCFV em que a intervenção grupal foi realizada, a oferta do serviço é destinada a crianças e adolescentes, de 6 a 15 anos, que frequentam o serviço no contraturno da escola, ou seja, no período oposto ao que estão matriculados. Crianças e adolescentes recebem alimentação e são acompanhados por orientadores ou educadores sociais. As atividades são organizadas em cronogramas mensais, levando em consideração os objetivos do trabalho e os interesses das crianças. O serviço funciona de segunda a sexta-feira, nos períodos matutino e vespertino.

A realização de grupos é a principal atividade do SCFV. Assim, os grupos devem ser planejados de forma coletiva, com intuito de criar situações de convivência para a realização de diálogos e fazeres que constituam alternativas para o enfrentamento de vulnerabilidades (MDS, 2017). Nesse sentido, o Conselho Federal de Psicologia (2016) corrobora que a atuação do(a) psicólogo(a) no SUAS deve privilegiar estratégias grupais, propiciando espaços com características socioeducativas, lúdicas e socioculturais, que atendam às diferentes demandas de convivência próprias a cada momento do ciclo de vida.

Uma possibilidade de metodologia de trabalho nesse contexto são as Práticas Narrativas Coletivas, as quais buscam ajudar indivíduos, grupos e comunidades que enfrentam dificuldades para criar estratégias de enfrentamento mais eficazes, baseadas em conhecimentos locais. Para tal, as pessoas são convidadas a valorizar formas coletivas de discurso, considerando que cada uma é um porta-voz de um problema social, e não o problema em si, o que possibilita tentativas coletivas de lidar com esses problemas (Denborough, 2008; 2016).

Desse modo, entende-se que as intervenções psicológicas no SCFV, a partir da perspectiva das Práticas Narrativas Coletivas, podem contribuir para realçar recursos e potencialidades dos envolvidos, ao invés de dar visibilidade aos problemas, considerando que as mesmas pessoas que fazem parte do problema também possuem recursos para enfrentá-lo e que uma mudança de foco das dificuldades para as habilidades já pode produzir efeitos terapêuticos no sistema (Denborough, 2008; 2016; Müller, 2013; Souza *et al.*, 2016).

Práticas Narrativas Coletivas

Dentre as correntes de pensamentos que emergiram na pós-modernidade, a Terapia Narrativa, criada por Michael White e David Epston, parte do princípio de que a vida é multi-historiada e de que as histórias que contamos podem ser fortalecedoras ou saturadas de problemas. Para esses autores, nossas narrativas são construídas social e culturalmente e vão constituindo os sentidos das nossas experiências e identidade. Assim, os problemas são compreendidos como existentes na linguagem e não na pessoa. Durante o processo terapêutico, as conversas são desenvolvidas visando destacar a dupla narrativa das histórias (existe a história do problema e a história de como a pessoa respondeu a ele), assim como iluminar habilidades, valores, crenças, competências, ou seja, as histórias alternativas que podem favorecer um processo de reautoria e a construção de versões preferidas (Madigan, 2011; Müller, 2012; Souza *et al.*, 2020; White, 2012).

Inspirado pelos pressupostos da terapia narrativa, David Denborough criou as Práticas Narrativas Coletivas, quando se deparou com pessoas que estavam em sofrimento após vivenciarem situações traumáticas, oriundas de problemas sociais.

A proposta é facilitar conversas coletivas a partir de metáforas que estimulam as pessoas a entrarem em contato com as vivências traumáticas, não de uma forma que as retraumatizem, mas de um modo que consigam reduzir os efeitos do sofrimento ao favorecer a iluminação de respostas de enfrentamento, habilidades, sonhos e pessoas da rede de apoio (Denborough, 2008; 2016). O autor estimula que essa proposta de combinar as Práticas Narrativas com metáforas valorizadas pela vida cultural local seja abraçada por colegas de vários contextos e culturas diferentes. Atualmente contamos com várias metodologias inspiradas pelas ideias de David Denborough: *Time da Vida*; *Estações da Vida*; *Receitas da Vida*; *Cruzando o Rio*; *Pipa da Vida*; *Ritmos da Vida*; *Narrativas dentro da Mala*; *Celular da Vida*; *Bicicleta da Vida*; *Miçangas da Vida*; *Tatame da Vida*; *Bons Ventos* (Denborough, 2019).

Os princípios que guiam as Práticas Narrativas Coletivas são quatro: 1) as histórias sempre trazem uma dupla narrativa, uma que conta o problema vivenciado e a outra que conta como a pessoa enfrentou o problema, assim, nosso objetivo é iluminar os recursos e as habilidades, bem como a rede de apoio que possibilitaram a superação do problema; 2) as pessoas podem identificar histórias alternativas nas narrativas saturadas de problema, perceber as habilidades e capacidades que possibilitam construir descrições mais ricas, tanto sobre si mesmas quanto sobre sua história; 3) é possível conectar as experiências individuais narradas a situações que envolvam o coletivo, assim a pessoa deixa de se sentir sozinha em seu sofrimento e começa a perceber o que há de comum com os outros; 4) todas as pessoas respondem aos desafios da vida de alguma forma e essas experiências e habilidades podem ser compartilhadas com outras pessoas (Denborough, 2008; Lion, 2017; Müller, 2013).

A *Árvore da Vida* é uma metodologia que foi desenvolvida originalmente por David Denborough e Ncazelo Ncube para trabalhar com crianças em situação de vulnerabilidade que vivenciaram muitas perdas decorrentes do HIV/AIDS, na África do Sul, e que estavam sofrendo várias formas de violência (Denborough, 2008). Segundo Ncazelo Ncube (como citado em Denborough, 2008), essa metodologia proporciona um território de identidade seguro sobre o qual as crianças podem se apoiar, antes de falar sobre suas histórias de dificuldades. Para tanto, a metodologia é dividida em quatro partes.

A primeira, a “*Árvore da Vida*”, inicia-se com uma conversação sobre as árvores e cada criança desenha sua própria árvore da vida contendo raízes, chão, tronco, galhos, folhas, frutos e sementes. Cada parte da árvore é explorada em seus sentidos metafóricos, dando subsídios para conversar com as crianças sobre suas origens, habilidades, seus conhecimentos, esperanças e sonhos, as pessoas especiais em suas vidas e os presentes que lhes foram dados.

A segunda parte da metodologia é a “*Floresta da Vida*”, momento em que as crianças são convidadas a compartilharem a história de suas árvores para o grupo. Esse é um momento para evidenciar as semelhanças e diferenças de cada árvore e cada criança, assim como ressaltar o pertencimento ao grupo como uma floresta (Denborough, 2008, 2016). Portanto os objetivos das duas primeiras partes são: conhecer a história saturada e, ao mesmo tempo, buscar recursos, pessoas e capacidades para enfrentar e ressignificar essa história.

Denborough (2008) afirma que o terceiro momento, intitulado “*Quando as Tempestades Chegam*”, deve possibilitar que as crianças falem sobre suas dificuldades de forma não retraumatizante. É importante que as crianças reconheçam suas potencialidades, quando tentam reagir aos obstáculos de suas vidas, e que não são culpadas pelo que aconteceu a elas. De acordo com o mesmo autor, o último momento é o de finalização da metodologia, sendo importante reconhecer e homenagear as crianças através dos “*Certificados e Músicas*”. Além de confeccionar

certificados descrevendo o que as crianças apresentaram e dialogaram durante o grupo, também pode ser oferecida uma homenagem às pessoas especiais na vida das crianças, através de uma carta aos cuidadores.

NOSSO PERCURSO

O grupo foi desenvolvido, ao longo de quatro meses, em um Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Crianças e Adolescentes (SCFV), o qual está ligado ao Departamento de Proteção Social Básica da Secretaria de Assistência Social de uma cidade de médio porte do interior do Estado de São Paulo.

Os parceiros desse grupo foram 10 crianças, com idades entre 7 e 11 anos; três estudantes do último ano de Psicologia, as quais estavam realizando o estágio em Prevenção e Promoção de Saúde com Crianças, e a supervisora do estágio. Foram realizadas quatro visitas iniciais, com intuito de conhecer o serviço e as crianças, para decidir o percurso que desenvolveriam juntos em 12 encontros.

Ao longo do processo, o envolvimento tanto das facilitadoras quanto das crianças culminou no desejo de registrar o processo vivenciado. As crianças foram informadas sobre a possibilidade do registro, em forma de um artigo, e sobre os passos que precisariam ser seguidos, como a autorização de cada um e de seus responsáveis por meio dos Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) e Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Assim, foram esclarecidos todos os direitos dos participantes, dentre eles o anonimato. Os responsáveis concordaram com a decisão de seus filhos e assinaram os termos.

Nossos Parceiros de Percurso

Participaram do grupo 10 crianças, com idades entre 7 e 11 anos (três meninas e sete meninos), do período vespertino da instituição. A Tabela 1 apresenta o nome fictício (planta frutífera), a idade e a composição familiar, mencionada pelas próprias crianças no período da realização do estágio, bem como a presença nos encontros do grupo:

Tabela 1 - Caracterização das crianças em relação à idade, composição familiar e presença nos encontros

Nome	Idade	Composição Familiar	Presença nos encontros
Amoreira	9 anos	Mãe, pai, irmão e duas irmãs	Participou de 9 encontros
Coqueiro	7 anos	Mãe	Participou de 10 encontros
Goiabeira	8 anos	Mãe e pai	Participou de 9 encontros
Guaranazeiro	8 anos	Mãe e padrasto	Participou de 8 encontros
Jabuticabeira	8 anos	Mãe, padrasto e irmão	Participou de 9 encontros
Kiwi	8 anos	Mãe, tia, tio, dois primos e avó	Participou de 7 encontros
Limoeiro	11 anos	Mãe, pai e irmã	Participou de 10 encontros
Mamoeiro	10 anos	Mãe, pai e irmão	Participou dos 12 encontros
Morangueiro	9 anos	Mãe, irmão, avô, avó e tia	Participou de 4 encontros
Pessegueiro	9 anos	Avó e avô	Participou dos 12 encontros

Nossos Encontros

Para a realização do grupo, as facilitadoras se inspiraram nas quatro etapas da metodologia *Árvore da Vida*, propostas por Denborough (2008). Os encontros foram realizados em uma sala com uma mesa e várias cadeiras dispostas no formato de roda.

Primeira Etapa – Árvore da Vida

Esta etapa foi realizada em oito encontros.

O primeiro encontro teve como objetivo a construção do contexto grupal. As facilitadoras e as crianças se apresentaram e alguns combinados foram estabelecidos para a convivência em grupo, sendo ressaltada a importância do respeito e do sigilo sobre o que era conversado no grupo. Nesse encontro, foi possível observar situações de desrespeito, como, por exemplo, uso de expressões como “cala a boca”, interrupções e conversas paralelas, enquanto um colega estava falando. Por fim, o tema sobre os elementos da natureza foi introduzido e as crianças foram estimuladas a observarem árvores durante a semana. Nesse primeiro encontro, Coqueiro comentou que soltava pipa com cerol, o que considerava muito divertido. Pessegueiro e Guaranazeiro demonstraram descontentamento com esse relato, sendo que o primeiro disse: “podia ter cortado o pescoço de alguém...”. Ao final do encontro, Pessegueiro sugeriu que o grupo terminasse com todos dando as mãos, uma proposta que as facilitadoras aceitaram e passaram a praticar nos demais encontros.

No segundo encontro foram estimuladas conversas a respeito de árvores e frutos favoritos das crianças, de suas vivências com as árvores e a importância da natureza. Após falarem da diversidade das árvores e sobre suas partes, iniciaram os desenhos das árvores, cada criança com uma folha de cartolina, lápis preto e borracha. Praticamente todas as crianças desenharam, além da árvore, seus amigos, e conversaram durante suas produções.

Pessegueiro se viu no desenho de Coqueiro e questionou o fato de estar “menor” que os outros amigos também desenhados. Mamoeiro apontou: “o que vale é a intenção! As meninas não estão no desenho dele e elas não estão chateadas”. As facilitadoras ofertaram o entendimento de que ele estava no desenho e que isso demonstrava que era especial para Coqueiro. Pessegueiro continuou pedindo para que Coqueiro apagasse seu desenho, o que foi feito após muita insistência. Ao mesmo tempo, Pessegueiro escreveu atrás de seu desenho “Coqueiro é o mais importante”, e fez questão de enfatizar isso na apresentação dos desenhos, que aconteceu no final do encontro. Amoreira não quis mostrar seu desenho e mencionou várias vezes que não sabia desenhar. O encontro foi finalizado com uma oração proposta espontaneamente pelo Pessegueiro, enquanto todos davam as mãos: “Deus, obrigado por mais um dia de SCFV, e peço que possamos aproveitar esse dia maravilhoso que o Senhor fez para nós”.

No terceiro encontro, depois de retomar os combinados, as crianças contaram como havia sido o último encontro para os participantes que haviam faltado, os quais também puderam realizar o desenho da árvore. Nesse encontro, a conversa girou em torno das “raízes”, o que possibilitou conhecer como cada criança descrevia suas origens, pessoas, lugares e valores que lhes proporcionaram crescimento (a maioria citou Deus, os pais, irmãos e avós; Mamoeiro foi o único a citar o SCFV).

Nesse encontro, Morangueiro espontaneamente contou sobre a importância de algumas pessoas em sua vida; ao mesmo tempo, pareceu perceber sua contribuição na vida da avó:

Morangueiro: Uma vez tinha uma corrida e eu não queria participar... daí meu irmão disse que eu tinha que participar, que eu nem tinha tentado para saber se iria conseguir ou não! Daí eu tentei e ganhei a corrida!

Andressa: Que legal! Então quer dizer que seu irmão te dá forças?

Morangueiro: Sim! A minha avó também, além da minha mãe, que ficou comigo depois do acidente, ela também ficou! Mas hoje ela [a avó] está na cadeira de rodas porque teve um derrame, daí eu ajudo ela!

Andressa: então quer dizer que além de receber forças das pessoas, você também dá forças para elas?! Isso é muito bom! (Morangueiro expressa um largo sorriso).

Morangueiro: Uma vez quando ela estava doente [a mãe] e vomitando, eu coloquei o colchão perto dela a noite para acordar caso ela precisasse! (Encontro 3).

Observa-se o quanto foi importante a identificação das contribuições que as pessoas significativas trouxeram para a vida de Morangueiro e, por outro lado, seu apoio na vida dessas pessoas, o que poderia representar uma história preferida, repleta de colaboração e gratidão. Assim, Morangueiro e sua família saíram do lugar de receptores passivos e se tornaram parte de uma relação colaborativa (Lion, 2017).

Como muitas crianças não sabiam tantos detalhes de suas origens familiares ou do significado de seus nomes, e se mostraram curiosas, as facilitadoras estimularam a busca de informações junto aos familiares durante a semana. O encontro foi finalizado com todos dizendo a frase “uni, uni, união”, sugerida por Mamoeiro.

Diante disso, no quarto encontro, as crianças contaram, a partir das conversas com os pais e pesquisas na internet, sobre a origem e o significado dos seus nomes. Em seguida, foram estimuladas a conversarem sobre o chão, ou seja, sobre as suas atividades cotidianas, suas atividades dentro da instituição, da escola, seus momentos de lazer ou em família, principais interesses e responsabilidades. Pessegueiro relatou preparar o seu próprio almoço e ir sozinho para a escola e para o SCFV, Coqueiro comentou que era sempre acompanhado pela mãe ao SCFV e Morangueiro relatou prestar cuidados aos avós com problemas de saúde, fazendo com que muitas vezes se ausentasse da instituição. Essas foram algumas ilustrações que nos alertaram sobre os diferentes níveis de autonomia e responsabilidades das crianças.

Após conhecer um pouco da vida diária dos participantes, as facilitadoras iniciaram conversas sobre o “tronco”. Nessa etapa, as facilitadoras estimularam as crianças a pensarem sobre suas habilidades, iluminando suas capacidades relacionadas às atividades do cotidiano que haviam mencionado. Ao final desse encontro, foi feito o combinado de que todos pensariam, ao longo da semana, em mais coisas que sabem fazer, não se restringindo somente a atividades, mas também a relações.

No quinto encontro, as facilitadoras continuaram explorando as atividades que as crianças faziam e as habilidades nelas envolvidas. Em seguida, iniciaram as reflexões sobre os “galhos”, em que as crianças relataram sobre seus desejos e sonhos para o futuro. Cabe apontar que as próprias crianças sugeriram possibilidades para os colegas, como pode ser ilustrado pelo momento em que Jabuticabeira mencionou a dúvida de ser professora ou artista e os colegas Guaranazeiro e Mamoeiro ofertaram a ideia de que ela poderia alcançar seus sonhos juntando as duas coisas, sendo professora de artes.

As facilitadoras também incentivaram as crianças a pensarem no que desejavam para a comunidade, sendo apontados desejos de ter menos assassinatos, tráfico, desperdício de água e “corte de cabeça” (sic). Essa última descrição, feita por Coqueiro, foi seguida por sua fala de que não usaria mais cerol, demonstrando assim que os comentários críticos das outras crianças exerceram repercussão sobre ele e que houve uma mudança positiva, tanto para si quanto para a comunidade em que está inserido. Esse encontro foi finalizado com um abraço coletivo e todos dizendo a frase, sugerida por Pessegueiro: “acreditem nos seus sonhos, eles podem se realizar!”

No sexto encontro, foi dada continuidade à conversa sobre os galhos, agora incentivando as crianças a pensarem em sonhos que podem realizar em curto prazo, enquanto ainda são crianças. Enquanto relatavam seus sonhos, as facilitadoras buscavam relacioná-los com as habilidades já discutidas anteriormente. Ressalta-se que as facilitadoras, durante todos os encontros, buscaram iluminar as potencialidades das crianças em contraposição às narrativas problemáticas, auxiliando na construção de descrições mais amplas sobre as crianças (Müller, 2013).

Como aponta Morgan (2007), muitas vezes descrições restritas são criadas por outras pessoas, como professores, pais e profissionais da saúde, com o poder de definição em circunstâncias específicas. Uma vez que essas descrições se estabelecem (e se repetem), torna-se muito fácil para as pessoas se engajarem na coleta de evidências para apoiar essas histórias dominantes e saturadas de problemas, como pode ser ilustrado com a narrativa de Mamoeiro: “[...] eu sou nervoso! Arrumo briga... o médico até falou que eu vou precisar tomar remédio mais para frente para ficar mais calmo!”

Nesse mesmo sentido, Pessegueiro apresentava uma história dominante de ser “tagarela”, o que instigou as facilitadoras a buscar ampliar as descrições sobre Pessegueiro, no sentido de enfraquecer a história problemática. Assim, enfatizavam as suas habilidades, como o fato de Pessegueiro valorizar as amizades, ser engraçado, criativo e observador. Essa última habilidade, inclusive, foi destacada quando ele mencionou espontaneamente que a facilitadora Andressa tinha os olhos verdes. A partir daquele encontro, Pessegueiro sempre achava um jeito de introduzir esse assunto novamente, parecia gostar de ser descrito como observador. Segundo White (2012), “acontecimentos singulares” podem ser destacados para que a pessoa possa incluir em suas histórias novos significados da experiência e da identidade. As Conversações de Reautoria, um dos recursos propostos pelas Práticas Narrativas, favorecem a ampliação de possibilidades de vida que antes estavam limitadas devido ao foco nas deficiências das histórias dominantes (Lion, 2017).

Ainda no sexto encontro, as facilitadoras convidaram as crianças a pensarem nas pessoas importantes em suas vidas, elas estariam representadas pelas folhas das suas árvores. Esse momento ilustra outro recurso conversacional proposto pelas Práticas Narrativas: Conversações de Memória. Essas conversas se pautam no entendimento de que nossas identidades são tecidas através de nossos relacionamentos com outras pessoas, nosso “clube da vida” (Fareez, 2019; Kristensen & Hedtke, 2021).

Guaranazeiro considerou, além de outras pessoas, seus tios e a avó materna (já falecidos) como pessoas especiais em sua vida, chegando a relatar que não chegou a conhecê-los. Ele ainda relatou se achar parecido com um dos tios, ao ver fotos dele, e que era um hábito de sua mãe contar histórias sobre sua avó, de forma que ele também sentia saudades dela. Goiabeira demonstrou ficar emocionada com o relato de Guaranazeiro, mas escolheu compartilhar seus pensamentos apenas com as facilitadoras ao final do encontro (que foi finalizado novamente com a frase “união”). Ela relatou que sentia saudades de sua avó e que também não havia chegado a conhecê-la pessoalmente, mas que ouvia histórias dela através da mãe.

Pode-se observar nesse encontro que as experiências individuais relatadas pelas crianças puderam ser conectadas umas às outras. Acredita-se que o próprio fato de as crianças perceberem mudanças ocorrendo no grupo, no que concerne ao fato de novas histórias estarem sendo construídas, demonstra que o processo estava sendo generativo. Nesse sentido, é possível observar uma correlação com a tese de Paulo Freire da “unidade na diversidade” (Freire, 2008), pois cada criança relatou sua história e as outras escutaram como *testemunhas externas* (Martins & Arantes, 2019) e, assim, puderam refletir sobre o que tinham em comum. Corroborando isso, Lion (2017, p. 28) afirma que: “a pessoa deixa de estar sozinha em sua experiência e começa a conhecer o que há de comum na diversidade que contempla o contexto das relações sociais”. Ao final desse encontro, Pessegueiro relatou que as facilitadoras eram pessoas especiais em sua vida: “você me incentivaram! Porque eu sabia, assim que cheguei aqui, que eu poderia fazer perguntas!”.

No sétimo encontro, as “frutas” se tornaram tema central, e as crianças contaram os principais presentes recebidos, sendo relatados tanto objetos quanto pessoas. Contudo, o encontro iniciou com Mamoeiro puxando Coqueiro pelo braço, com o intuito de que ele soubesse do “seu” lugar. Mamoeiro relatou que havia pedido primeiro para ele sair e que todos sabiam que ele gostava de sentar-se ao lado de Limoeiro. Em vista disso, as facilitadoras estimularam reflexões sobre outras formas de lidar com a situação e propuseram o diálogo, como meio da resolução do conflito, em detrimento do uso da força física.

Isso ilustra um dos aspectos básicos que se buscou trabalhar logo de início com as crianças: a comunicação. Inicialmente elas demonstravam dificuldades em saber a hora de falar e ouvir o outro, como também demonstravam que não refletiam sobre as perguntas feitas pelas facilitadoras, pois muitas vezes interrompiam seus colegas na ânsia de responderem, ou levantavam as mãos como se fosse uma competição de quem responderia mais rápido. Esses comportamentos foram observados em vários encontros, sendo constantemente apontados pelas facilitadoras e enfatizada a necessidade de ouvir o outro, pensar antes de falar, e falar de maneira apropriada e assertiva, não fazendo uso de comunicação violenta no grupo.

A partir das pontuações realizadas, foi possível observar mudanças, como, por exemplo, o estilo da comunicação de Pessegueiro, pois diminuíram as pausas durante a sua fala e a verbalização de assuntos aleatórios durante as conversas, sugerindo organização do pensamento referente ao que se buscava expressar, resultando também em mudanças no modo como os participantes se relacionavam com ele, estando aqueles mais atentos e participativos nas falas deste. Entende-se que foi por meio do diálogo que tais mudanças foram sendo construídas na relação das crianças com as facilitadoras e entre as próprias crianças. É através da linguagem que podemos organizar nossas experiências e construir diferentes versões do mundo e das pessoas (Corradi-Webster, 2014).

Nesse dia, as facilitadoras levaram presentes pelo Dia das Crianças: chocolates e a fruta nectarina. Pelo fato de não conhecerem a fruta, as crianças ficaram extremamente curiosas. Nesse encontro, o grupo foi finalizado com um abraço coletivo, após a iniciativa de Mamoeiro de abraçar Coqueiro e pedir desculpas.

No oitavo encontro, as facilitadoras dispararam o tema “sementes”, estimulando as crianças a refletirem sobre as contribuições que pretendiam deixar para o mundo, e a maioria delas citou algum meio de ajudar as pessoas: ajudar pessoas idosas e cegas a atravessarem a rua; dar comida para os que têm fome; proteger pessoas da comunidade através de uma futura profissão (bombeiro e policial, sonhos de Pessegueiro e Coqueiro, respectivamente).

As facilitadoras entregaram os desenhos das árvores para que as crianças pudessem pintá-los, ressaltando que ficariam expostos na cerimônia de encerramento. Amoreira considerou seu desenho feio e não queria continuar a atividade. Ao mesmo tempo, dedicou-se a elogiar os desenhos dos colegas, juntamente com Pessegueiro, Jabuticabeira e Goiabeira.

Segunda Etapa – A Floresta da Vida

Dando continuidade à metodologia, no nono encontro, as facilitadoras iniciaram a reflexão sobre a “Floresta da Vida”, ressaltando que cada um era único no jeito de ser, mas que juntos formavam uma floresta. Além disso, incentivaram as crianças a conversarem sobre como contribuíam para o grupo. Também instigaram conversas sobre a cerimônia de encerramento em relação ao seu objetivo, quem convidariam para a cerimônia e como seria a decoração e a comida. Jabuticabeira também compôs uma frase, “a árvore da vida é bonita como borboleta, é azul bebê”, e o grupo decidiu que iria cantar uma música composta por eles. Michael White (2012) propôs as cerimônias de definição no sentido de possibilitar que as pessoas pudessem falar sobre suas histórias de vida diante de audiências importantes para elas, o que favoreceria o enriquecimento dessas histórias. O principal recurso da cerimônia são os relatos, as imagens e metáforas produzidas, e o modo como as histórias ressoam pessoalmente para os interlocutores e como estes podem levá-las para outros contextos de vida (Martins & Arantes, 2019).

Nesse encontro, as crianças se dedicaram a pintar seus desenhos. Limoeiro se recusou a pintá-lo, pois seu desejo era apagar o desenho, tido por ele como feio. As facilitadoras resgataram a habilidade de ser criativo e a criança voltou para o desenho, concluindo a atividade. Enquanto as crianças pintavam, conversaram sobre os preparativos da cerimônia, o que resultou em novos trechos para a produção grupal de uma música. Também ficou definido que convites seriam entregues para os familiares.

Em seguida, com todos os desenhos expostos na parede, as crianças relembrou as partes da árvore e seu significado, demonstrando conhecimento de sua trajetória, seus recursos e perspectivas de futuro. O encontro foi finalizado com cada criança dizendo uma habilidade de um colega do grupo. Várias crianças se abraçaram nesse momento e Guaranazeiro demonstrou estar emocionado com a troca de afetos do grupo.

A Terceira Etapa: “Quando as tempestades chegam”

Essa etapa foi trabalhada no décimo encontro, o qual teve menos crianças presentes (apenas quatro), porém foi possível conversar sobre os perigos que as crianças enfrentam, sendo presente em suas falas principalmente a violência, bullying, roubo e morte. Pessegueiro, por exemplo, compartilhou que ficava sozinho alguns períodos em casa e que escutava passos no telhado. Foram desenvolvidas reflexões de que as crianças não têm culpa pelo que aconteceu com elas, e os participantes puderam refletir sobre suas habilidades e as formas de enfrentamento que vêm utilizando frente às adversidades, como pedir ajuda, orar, sair correndo, evitar estar presente em situações de conflitos, dentre outros.

Essas conversas possibilitaram que Amoreira pensasse nas suas formas de enfrentar as dificuldades, como contar com o apoio e a ajuda da família, orar e poder contar consigo mesma. Nesse momento, as facilitadoras buscaram iluminar suas

capacidades e forças para resolver os problemas, o que possibilitou que Amoreira pudesse se ver como autora de sua própria história. Ainda nesse encontro, no momento de encerramento, após ser sugerido que cada criança falasse uma frase representando o que levava do encontro, a participante Amoreira expressou “nunca deixe de acreditar em você mesmo!”, demonstrando, assim, a ressonância que os diálogos do grupo lhe proporcionaram.

Assim, quando a pessoa assume a autoria da sua história, passa a narrar a versão preferida da sua vida, destacando aspectos e pessoas que ela considera relevantes e significativos (Müller, 2013). Nesse sentido, “as práticas narrativas oferecem recursos conversacionais que auxiliam no direcionamento da conversação e na busca da construção de histórias nunca antes contadas” (Lion, 2017, p. 26).

Antes da cerimônia de encerramento, que aconteceu no décimo segundo encontro, as facilitadoras prepararam um encontro (o 11º encontro) para conversarem sobre o que havia sido mais marcante durante as atividades do grupo. Várias crianças mencionaram que haviam gostado de falar sobre as raízes, os galhos e as frutas. As facilitadoras também tiveram espaço para compartilhar como se sentiram no grupo e apontaram o quanto haviam aprendido com cada criança. Por fim, foram retomados os preparativos para a cerimônia e a entrega dos convites. As facilitadoras mencionaram que a docente supervisora lamentava não estar presente na cerimônia, mas que gostaria muito de conhecê-los. Frente a isso, Mamoeiro espontaneamente se afastou e escreveu uma carta para a docente, enquanto as outras crianças assinavam o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Na carta, Mamoeiro aponta que sabia que ela queria conhecê-los. Apesar de não explícito, as facilitadoras e a supervisora entenderam a carta como um pedido para que comparecesse à cerimônia, sendo assim, consideraram a presença da supervisora como uma testemunha externa (Martins & Arantes, 2019).

Quarta Etapa – Certificados e Músicas

Todas as crianças e adolescentes presentes na instituição nesse dia ajudaram na organização do evento, assim como os funcionários. A docente supervisora conseguiu remanejar seus compromissos e compareceu à cerimônia, o que deixou as crianças surpresas. Mamoeiro fez questão de apresentar todas as crianças para ela e inclusive apresentou sua mãe. A maioria dos responsáveis pelas crianças compareceu. Foi servido um lanche e depois todos foram para a quadra, onde, apesar de uma chuva muito forte, as crianças apresentaram suas árvores, apontando suas habilidades, sonhos e as pessoas especiais em suas vidas, sendo possível perceber o quanto algumas crianças, como Mamoeiro e Pessegueiro, se apropriaram das novas descrições oferecidas pelas facilitadoras e validadas no grupo. Mamoeiro descreveu com habilidade o fato de ajudar as pessoas, algo que pôde ser observado durante todo o estágio, seja ligando o ventilador e distribuindo os lápis e borrachas, até na própria organização da cerimônia. Pessegueiro se apropriou do fato de ser observador, mencionando essa descrição como uma das suas habilidades, além de, juntamente com Amoreira, ter apresentado um novo sonho, que não tinha sido mencionado: Pessegueiro disse que deseja ser professor de Psicologia e Amoreira, cozinheira. Nesse sentido, as conversas no grupo também possibilitaram ampliação de perspectivas de futuro.

No momento final, foi percebido o empenho em apresentar a música criada por eles, uma vez que todos juntos, lado a lado e em tom alto e forte, recitaram os seguintes versos:

A árvore da vida é bonita como borboleta, é azul bebê.
A árvore da vida ninguém pode cortar! Ninguém pode derrubar!
É sempre nossa e de mais ninguém!
A natureza é a limpeza do nosso lar
A árvore da vida é bonita como os nossos pais, eles são como a flor.
Eles foram quem nos criou.
Nunca podemos deixar nossos pais.
As raízes é o que dão força, o tronco postura, os sonhos *são os galhos...*
Tudo a gente sente!

NOSSAS REFLEXÕES SOBRE O QUE APRENDEMOS COM AS CRIANÇAS

A experiência de intervenção em grupo com crianças em vulnerabilidade social possibilita refletirmos sobre as múltiplas infâncias presentes no Brasil, uma vez que diferentes condições sociais, econômicas e culturais exercem grande influência na constituição do ser humano. Diante disso, pode-se observar que, apesar de as crianças viverem próximas umas das outras, frequentando o mesmo SCFV, apresentam vivências diferentes, principalmente em relação à composição familiar, à disponibilidade de lazer e ao nível de autonomia e responsabilidades em casa.

Além disso, embora as crianças compreendessem, cada um à sua maneira, que estavam cercadas por violência, suas vivências eram diferentes. Exemplo disso eram as aspirações das crianças, pois enquanto algumas desejavam que as pessoas não passassem mais fome e que não houvesse mais tráfico de drogas, outras já não percebiam com a mesma intensidade tais problemáticas, vislumbrando outras coisas para a comunidade.

Essa experiência vai ao encontro das propostas do SCFV, que deve ser um espaço para promover a escuta, bem como o diálogo para a resolução de conflitos e divergências. Um dos eixos orientadores do SCFV é a convivência social, que abrange as capacidades de ter autocontrole, demonstrar emoção, demonstrar cortesia, comunicar-se e assim por diante (MDS, 2017).

Além da comunicação, as facilitadoras estiveram interessadas e atentas aos eventos negligenciados nas narrativas dominantes e saturadas de problemas (dupla escuta). Portanto as Práticas Narrativas possibilitaram aberturas para desenvolvimento de histórias alternativas, pois a partir dos recursos, habilidades e capacidades investigadas com as crianças, o problema deixa de ser um problema, no sentido de que a pessoa se sente capaz de solucioná-lo. Esse é um processo que resgata as identidades que antes eram dominadas pelos problemas (Lion, 2017).

Por fim, ressalta-se que essa intervenção em grupo possibilitou vivências e impactos positivos, tanto na vida das crianças quanto na das facilitadoras. Ao coordenarem o grupo, inspiradas pelas Práticas Narrativas Coletivas, elas não conheceram apenas os riscos que as crianças enfrentam pelo seu contexto de vulnerabilidade, mas principalmente os comportamentos protetivos que as crianças utilizam e que as ajudam a responder aos desafios do cotidiano. Esse conhecimento pode ser útil para profissionais e adultos da comunidade, que podem reconhecer e estimular as respostas das crianças às situações difíceis (Denborough, 2008).

Além do mais, seguindo a proposta de Denborough (2008), os conhecimentos e relatos coletivos das crianças, colhidos através da metodologia Árvore da Vida, manifestaram potencial de serem apresentados em fóruns comunitários para conscientizar a todos sobre os temas que elas enfrentam, podendo repercutir, desse modo, em formas de organização de ações sociais locais.

Assim, as Práticas Narrativas Coletivas se mostraram um recurso teórico-metodológico que possibilita desenvolver práticas que corroboram as propostas do SCFV e, portanto, considera-se importante a publicação de trabalhos como este, para que mais profissionais que atuam no âmbito do SUAS possam conhecer essa possibilidade de atuação.

Frente às contribuições significativas observadas, enfatiza-se a importância dos Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), assim como outros serviços da atenção básica, para maior alcance da promoção da saúde, visando a prevenção de riscos e a qualidade de vida, na medida em que favorece o desenvolvimento da autonomia, da autoestima, do autoconhecimento, do desenvolvimento de habilidades e a geração de mudanças nos condicionantes sociais através da reflexão.

REFERÊNCIAS

- Conselho Federal de Psicologia [CFP]** (2016). *Nota Técnica com parâmetros para atuação as (os) profissionais de psicologia no âmbito sistema único de assistência social (SUAS)*. Brasília: 2016. Recuperado em 2020, 28 de outubro, de <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2016/12/Nota-te%CC%81cnica-web.pdf>
- Corradi-Webster, C. M.** (2014). Ferramentas teórico-conceituais do discurso construcionista. In C. Guanaes-Lorenzi, M. S. Moscheta, C. Corradi-Webster, L. V. Souza. *Construcionismo Social: Discurso, prática e produção do conhecimento*. Rio de Janeiro: Instituto Noos.
- Denborough, D.** (2008). *Práticas Narrativas Coletivas: Trabalhando com Indivíduos, grupos e comunidades que vivenciaram traumas*. (Müller, Dias & Oliveira Trad.) Adelaide, Australia: Dulwich Centre Publications.
- Denborough, D.** (2016). Atendendo crianças que vivenciaram traumas: a árvore da vida. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 20(39). Recuperado em 2022, 02 de fevereiro, de <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/192>
- Denborough, D.** (2019). *Você quer ouvir uma história? Aventuras em práticas narrativas*. (Müller, A. Tradução) Adelaide, Australia: Dulwich Centre Publications.
- Fareez, M.** (2019). A 'Certidão de Vida': Uma ferramenta para trabalhar o luto em Singapura. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 28(63), 5–20. <https://doi.org/10.38034/nps.v28i63.472>
- Freire, P.** (2008). *Pedagogia da Esperança*. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- Gomes, A. L.** (2007). Experiências de CRAS consolidam Assistência Social como política pública. In Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome [MDS] Secretaria Nacional de Assistência Social. (2007). *CRAS, um lugar de (re) fazer histórias*. Brasília.
- Kristensen, H. G. & Hedtke, L.** (2021). Ainda vivos: conversas terapêuticas com pais cujos filhos morreram durante ou logo após a gestação. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 71, p.16 – 29.

- Lion, C. M.** (2017). Caminhando no contexto das práticas colaborativas e narrativas: experiências profissionais transformadas. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 57, p. 21-36.
- Madigan, S.** (2011). *Narrative Therapy*. Washington, DC, U.S.A.: American Psychological Association [APA].
- Martins, P. P. S., & Arantes, M.** (2019). Cerimônias de encerramento em terapia individual: expandindo os sentidos da mudança. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 27(62), 6–23. <https://doi.org/10.38034/nps.v27i62.439>
- Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome [MDS]** (2017). *Perguntas Frequentes: O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV)*. Brasília: 2017. Recuperado em 2020, 14 de março, de http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/perguntas_e_respostas/PerguntasFrequentesSCFV_032017.pdf
- Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome [MDS] Secretaria Nacional de Assistência Social.** (2005). *Política Nacional de Assistência Social PNAS/2004/ Norma Operacional Básica NOB/SUAS*. Brasília: 2005. Recuperado em 2020, 28 de outubro, de http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/PNAS2004.pdf
- Morgan, A.** (2007). *O que é terapia narrativa? Uma introdução de fácil leitura*. Porto Alegre, RS: Centro de Estudos e Práticas Narrativas.
- Müller, A.** (2012). Trocas de cartas no Time da Vida: um bate-bola construtivo. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 42, p. 42-56.
- Müller, A.** (2013). “Ritmos da vida”: ajudando a criança na superação da separação. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 45, p. 34-46.
- Souza, C. D., de Souza, J. B., Rolim, N. D. de O., & Gomes, R. de C. M.** (2016). Intervenções psicológicas com crianças no CRAS: Em busca de recursos e potencialidades. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 25(55), 31-45.
- Souza, L. V., Lion, C. M., Vidotto, L. T., & Moscheta, M.** (2020). Recursos Da Terapia Narrativa De Sessão Única Em Tempos De Pandemia E Isolamento Social. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 29(67), 7–22. <https://doi.org/10.38034/nps.v29i67.571>
- White, M.** (2012). *Mapas da Terapia Narrativa*. Tradução Adriano Migliavaca. Porto Alegre: Pacartes.

ANDRESSA SIMONE DE CARVALHO

Psicóloga pela UNAERP. Atua como Psicóloga Clínica a partir dos pressupostos do Construcionismo Social, especificamente das Práticas Colaborativas Dialógicas. Compõe a coordenação da iniciativa “Mulheres Égide” e já atuou como psicóloga em um CAPS I.

<https://orcid.org/0000-0002-7920-9151>

E-mail: psicologa.andressacarvalho@gmail.com

LUANA PAULA CAVALCANTE RODRIGUES DE ARAÚJO

Psicóloga pela UNAERP. Neuropsicóloga pela Universidade São Francisco – USF. Tem formação em Aplicação Terapêutica de ABA, pelo Adapte Educação. Atuou como acompanhante terapêutica de crianças com TEA.

<https://orcid.org/0000-0002-7603-9396>

E-mail: psicologaluanacavalcante@gmail.com

ANA CAROLINA DE OLIVEIRA QUEIROZ

Psicóloga pela UNAERP. Pós-graduanda em Psicologia Perinatal pelo Instituto Mater-online. Atua como Psicóloga Clínica, atendendo demandas do período gravídico-puerperal e maternidade, através dos serviços de psicoterapia e orientação de pais.

<https://orcid.org/0000-0002-4898-6409>

E-mail: anqueirozpsicologa@gmail.com

LILIAN DE ALMEIDA GUIMARÃES

Psicóloga. Terapeuta Familiar. Mestre em Psicologia pela USP. Possui Certificação Internacional em Práticas Colaborativo Dialógicas, pelo Houston Galveston Institute, TAOS e INTERFACI. Tem formação em Práticas Narrativas e Trabalho Comunitário, pelo Reciclando Mentes e Dulwich Centre. Foi docente do curso de Psicologia da UNAERP.

<https://orcid.org/0000-0002-0168-9888>

E-mail: lilianddealmeidaguimaraes@yahoo.com.br